

LIBANIO

No final das férias de verão de 2014, a comunidade acadêmica da FAJE viu-se abalada pela morte repentina do Pe. João Batista Libanio, professor emérito do seu Departamento de Teologia. Era a manhã do dia 30 de janeiro. Libanio morreu em plena atividade. Estava a orientar um retiro espiritual no Colégio de Sion, em Curitiba, Estado do Paraná. Havia quatro décadas, ele reservava o fim de janeiro para essa atividade de formação naquela comunidade educativa, com a qual estabelecera profunda ligação humano-espiritual.

Seu cadáver foi velado a maior parte do tempo no auditório Dom Luciano Mendes de Almeida, no campus da FAJE, onde chegou no meio da manhã do dia 31 de janeiro e permaneceu até a manhã do dia 1º de fevereiro. Era o final das férias de verão na FAJE.

Pensar-Revista Eletrônica da FAJE não quer tão-somente prestar uma homenagem ao grande mestre, mas reafirmar e ressaltar o significado particular da pessoa e da obra de Libanio para o nosso corpo discente.

João Batista Libanio nasceu em Belo Horizonte, no ano de 1932, a 19 de fevereiro. Faltava pouco para completar 82 anos de idade. Nasceu na casa de sua família situada na Av. Augusto de Lima, e foi batizado, crismado e fez a primeira comunhão na Igreja Matriz da Paróquia de São José, confiada aos Redentoristas, que ele sempre gostava de lembrar ser sua paróquia de origem. Libanio conservou sua pertença à terra e à igreja das alterosas de um modo sempre enraizado e renovado.

Seu pai era médico e catedrático da Faculdade de Medicina de Minas Gerais. Sua mãe, dedicada à família. Manteve sempre uma forte ligação com sua família, mas era alguém aberto e disponível para todos. Seus primeiros quatro anos de estudos transcorreram na Escola de Aplicação da Escola Normal de Minas Gerais, que, à época, ficada a poucos metros da casa de sua família. Depois foi estudar no Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro, alimentando ao mesmo tempo o desejo de entrar na Ordem dos Jesuítas. Nesse período viveu no

Aloisianum, uma espécie de seminário menor dos Jesuítas, situado nas proximidades do Colégio Santo Inácio. Um fato curioso desse tempo foi o encontro que Libanio e outros apostólicos (assim os jesuítas chamavam seus seminaristas menores) tiveram com o Presidente Getúlio Vargas. Libanio gostava de lembrar esse acontecimento e ressaltava como ele e os demais tinham sido preparados para conversar com o chefe do Estado Novo.

Os primeiros anos na Companhia de Jesus ocorreram em Nova Friburgo, região serrana do Estado do Rio de Janeiro. Libanio foi noviço sob a orientação do Pe. Armando Cardoso. Seu "anjo" (nome que os jesuítas dão ao noviço de segundo ano responsável por introduzir o noviço recém-chegado no cotidiano da vida na ordem religiosa) foi Luciano Pedro Mendes de Almeida. Eles se manteriam amigos e companheiros no ideal de trabalhar pela renovação da Igreja e da Companhia. Em Friburgo, Libanio também fez o juniorado (que consistia em realizar os três anos de estudos do liceu clássico) e a filosofia, período em que foi marcado para sempre pela figura daquele que sempre considerou o seu mestre por antonomásia: o Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz. Libanio ficou em Nova Friburgo de 1948 a 1955.

Após a filosofia Libanio volta a Belo Horizonte. Trabalhou como professor de Português e Francês e prefeito de disciplina no Colégio Loyola. Foi um tempo de contato forte com o mundo dos jovens. Ele nunca perderia esse amor pela juventude. Ele teria acesso fácil com os jovens durante sua vida toda. Entendia seus problemas e tinha a perspicácia e inteligência para lhes mostrar. Durante este período, mesmo morando próximo, ele nunca foi à casa de sua família. Seus pais visitavam-no mensalmente no Colégio Loyola. Os tempos eram outros.

Chegou o momento de Libanio estudar teologia. Foi destinado à Faculdade de Teologia de Comillas, um dos principais centros de estudos dos jesuítas da Espanha, cuja sede estava ainda no norte do país. Libanio permaneceu só um ano aí. Prosseguiria seus estudos teológicos na Faculdade Sankt Georgen, em Frankfurt, Alemanha, na qual Libanio se tornou mestre em Teologia em 1962. O tempo de estudos na Alemanha proporcionou-lhe todas as condições para solidificar uma teologia renovada e aberta, que iria marcar toda sua vida de estudioso da ciência sagrada. Em Frankfurt, Libanio é ordenado padre em 1961. Após o período na Alemanha, Libanio passa quase um ano na França, em Paray-le-Monial, para a etapa do terceiro ano de noviciado.

Seus estudos tomam prosseguimento na Cidade Eterna. Libanio teve a graça de estar em Roma na época das sessões conciliares presididas por Paulo VI. Em Roma, conjugou estudo e trabalho: fazia sua tese de doutorado e ao mesmo tempo era o

acompanhante de estudos e repetidor de teologia dos estudantes do Pontifício Colégio Pio Brasileiro.

Volta ao Brasil em 1969 e se imerge no mundo cultural, intelectual e eclesial. Dedicando-se não só à docência acadêmica, mas a atividades pastorais, principalmente no meio juvenil. Tais atividades se caracterizam por um nítido viés formativo, quer no âmbito de jovens religiosos e seminaristas, quer no âmbito da juventude leiga. Gerações receberão influência desse mestre para o qual a teologia não era uma disciplina isolada, mas se mostrava capaz de estabelecer pontes com variados campos. Conheceu quase todos os Estados do Brasil e visitou muitos países da América Latina para dar conferências e cursos em ambientes acadêmicos e nas comunidades de base. Aonde ia, esbanjava alegria, prontidão e profundidade. Era alguém entusiasmado e entusiasmante.

Desde o começo de sua atividade como teólogo, seu nome se tornou referência pela solidez e propriedade de suas argumentações teológicas, bem como por sua didática e clareza em escrever e falar. Seu nome se liga à corrente denominada Teologia da Libertação, cujo ideário Libanio nunca abandonou.

Enquanto professor de teologia, sempre esteve ligado ao ensino nas faculdades de teologia dos jesuítas no Brasil, cujas sedes se situavam em São Leopoldo (região metropolitana de Porto Alegre) e Rio de Janeiro. Até que, em 1982, Libanio voltou à sua cidade natal para a instalação do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus no Brasil, hoje denominado Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, fazendo parte do grupo que idealizou e concretizou um centro de excelência de formação filosófico-teológica da Companhia de Jesus no Brasil.

Não será exagero dizer que Libanio é marca indelével na FAJE. Sua presença enquanto professor, pesquisador, conferencista não sairá facilmente de tudo o que se faz na FAJE. Tinha um profundo carinho por essa instituição e encarnou sua proposta de fazer da teologia e da filosofia disciplinas que facilitadoras do diálogo na sociedade, em busca de novos caminhos para que um projeto de vida e esperança seja realidade nas sociedades.

Passemos a apresentar este número de nossa revista. Os artigos THEO abrem o presente número. O primeiro deles é assinado por Thiago Pinheiro, doutorando de Teologia na FAJE, cujo título é "Comunicar o conteúdo da fé". O autor faz considerações sobre a declaração do Concílio de Calcedônia e a linguagem teológica, a partir de uma leitura de Filipenses 2.6-8, sublinhando a Cristologia aí explícita.

O segundo artigo — "Caminhos: juventude, profecia e espiritualidade" — tem Emerson Sbardelotti Tavares por autor. Ele é

mestrando em Teologia na PUC-SP. O foco de seu texto é a teologia pastoral, conjugando os temas da juventude, profecia e espiritualidade.

O primeiro artigo da seção PHILO é assinado por Ricardo Manoel de Oliveira Morais e se intitula "O caráter cético do pensamento cartesiano". Graduado em Filosofia pela FAJE e mestrando em Filosofia na UFMG, o autor visita conceitos basilares dos ceticismos antigos — pirrônico e acadêmico — e discute a respeito de qual deles foi apropriado pela Modernidade; no caso específico, por René Descartes.

O segundo artigo PHILO é assinado por Frederico Soares de Almeida e se intitula "O amor como elemento fundamental na ética de Santo Agostinho". O mestrando em Filosofia pela FAJE — onde também fez a graduação em Filosofia — demonstra ser o tema do amor algo fundamental na concepção ética agostiniana, pois funciona, por assim dizer, como um motor íntimo da vontade humana.

O terceiro artigo PHILO tem por título "A Ética do Discurso como caminho para uma ação mais responsável dos *Mass Media*" e tem por autor o mestrando em Filosofia pela FAJE, Gustavo César Radicchi Murta. O autor estabelece diálogo entre a concepção ética de Karl-Otto Apel e práticas do jornalismo contemporâneo, sublinhando temas como responsabilidade e informação sem espetacularização.

O quarto artigo PHILO é assinado por Egon Felipe Pessoa Dias e se intitula "A influência de Husserl em Sartre e o avanço da proposta sartriana na fundamentação de uma Fenomenologia Existencial francesa". Mestrando em Filosofia pela FAJE, o autor toma especialmente em consideração *A transcendência do Ego*, de J.-P. Sartre, alinhavando o débito e a criatividade de Sartre em relação a Husserl.

O quinto artigo da seção PHILO se intitula "A concepção tomasiana de virtude ainda possível segundo Lima Vaz". Seu autor, Diego Augusto Gonçalves Ferreira, bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre, visita alguns textos de Lima Vaz para argumentar a respeito de como o filósofo ouro-pretano atualiza a concepção de virtude de Tomás de Aquino.

"A relação entre a abertura transcendental do homem e a vida virtuosa em *O Senhor dos Anéis*" é o sexto artigo da seção PHILO. Seu autor, Matheus Roberto Garbaza Andrade — bacharel em Filosofia pela FAJE —, relaciona os textos de Tolkien com os pensamentos de Aristóteles e Lima Vaz.

Encerra a seção PHILO o artigo "Bem Comum, *Civitas* e Direito", de Marcos Rohling, doutorando em Educação pela UFSC. O autor afirma que, segundo Santo Tomás de Aquino, é preciso haver ordem jurídica para que o bem comum seja realizado. O autor do

artigo trava um diálogo intelectual principalmente com John Finnis, grande intérprete contemporâneo de Tomás de Aquino.

Por fim, a revista se fecha com a seção NOTÍCIA, na qual trazemos o testemunho da Ir. Cristina, religiosa de Sion. Ela nos reporta os últimos momentos do Pe. João Batista Libanio em Curitiba. Ela intitulou seu texto como "Libanio — o *Kairós* que se manifestou no *chronos*" e veremos nesse testemunho muito do que Libanio significa para a FAJE.

Este nosso número contém nove artigos! Eis o plano que nosso conselho editorial estipulou para cada número de nossa revista, a partir deste. Isso nos anima, mas também desafia, no sentido de incrementar cada vez mais a produção discente na FAJE.

Cabe ainda uma saudação de agradecimento a Luiz Antônio Reis, que fez parte do nosso conselho editorial e concluiu recentemente seu doutorado em Teologia na FAJE, pelo que lhe damos os mais sinceros parabéns. Aproveitamos também para dar as boas-vindas a Valdete Guimarães, doutoranda em Teologia na FAJE, que passou a compor nosso conselho editorial a partir deste primeiro semestre de 2014.

Voltemos a falar do Pe. Libanio. Relembremos que seu retorno a Belo Horizonte para trabalhar naquilo que hoje chamamos FAJE o fez também colaborador desde 1984 na Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes, em Vespasiano (região metropolitana), na qual ele vigário paroquial, formando a trindade de dedicação, amor e serviço daquela paróquia, ao lado do Pe. Lauro Elias de Oliveira, o pároco, que é diocesano, e da Ir. Fabíola Machado Duval, religiosa franciscana. Para Libanio, a vida e ação apostólica em Vespasiano eram imprescindíveis para o seu labor de teólogo. Ultimamente, ele rejeitava qualquer convite para palestras e cursos, se ele ficasse impedido de marcar presença em Vespasiano. Note-se que essa presença consistia também em manter uma contínua formação teológica aos paroquianos e muito contatos pessoais com todos.

Exercitava o corpo e o espírito com pleno equilíbrio. Normalmente, suas manhãs eram sempre dedicadas à escrita, reflexão e leitura. Pelos menos três vezes por semana, dedicava-se à sua atividade física predileta: natação. Gostava de lembrar que tinha nadado nos grandes rios do Brasil (Amazonas, Tocantins, Araguaia, São Francisco, Negro), aproveitando dos convites para cursos e assessorias.

Sua obra já tem sido objeto de vários estudos, dentro e fora do Brasil. Não cabe aqui uma apreciação do conjunto de sua obra teológica. Mas vale a pena ressaltar um aspecto importante de seu trabalho enquanto intelectual: ele ajudava a pensar. Em textos como

Formação da consciência crítica (1978), passando por *Introdução à vida intelectual* (2001), e *A arte de formar-se* (2013, 6ª edição revista e ampliada), encontramos um intelectual preocupado em motivar o estudo e o pensamento de qualquer pessoa. Libanio instigava e provocava o pensamento das pessoas, não pelo saber, pura e simplesmente. Seu motivo para nos fazer estudar e pensar se explica pelo amor. Eis o combustível que o movia! Arraigado na mais profunda espiritualidade de Santo Inácio, Libanio trazia em tudo que fazia a clareza do amor que “consiste mais em obras do que em palavras” (Santo Inácio de Loyola, *Exercícios Espirituais*, 230).

Boa leitura!

Delmar Cardoso
Editor